

O AUTOR

Octávio Ianni

Professor Livre-Docente pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e Titular pela PUC – SP. Professor Colaborador na ECA-USP.

FUTUROS E UTOPIAS DA MODERNIDADE

Sob a lógica do futuro e da razão, da utopia e do mito, a História constitui-se em privilegiada fonte para se pensar a Modernidade e o atual Globalismo

RAZÃO E FABULAÇÃO

O mundo Moderno sempre se lança ao futuro. Imagina futuros, formulando previsões científicas ou imaginando utopias. São futuros e utopias nos quais se revelam ideais relativos à resolução, eliminação ou superação de impasses e dilemas com os quais se defrontam indivíduos e coletividades no presente. Em geral, está em causa a realização de ideais antigos e recentes. Podem ser ideais fundamentados em conhecimentos científicos, apoiados em reflexões filosóficas ou imaginados em criações artísticas. Muitas vezes, o científico, o filosófico e o artístico combinam-se na trama dos conceitos e explicações, tanto quanto das metáforas e alegorias.

É como se todas as criações filosóficas, científicas e artísticas mais características

da modernidade estivessem sempre caminhando entre as condições e as possibilidades da razão e da fabulação, envolvendo o real e o ideal, o racional e o imaginado, o possível e o impossível.

Este é um dilema sempre presente, constante e fascinante, colocado pelas criações da modernidade sobre futuros e utopias: de par-em-par com um forte sentido de história, desenvolve-se também uma forte tendência para o mito. Um contraponto permanente e complicado, muitas vezes dramático ou épico, oscilando desde a razão à fabulação.

Vista em perspectiva histórica ampla, a modernidade pode definir-se como uma longa viagem no sentido do *desencantamento do mundo*, conforme a metáfora de Max Weber, referindo-se aos desenvolvi-

mentos do pensamento científico e filosófico. De fato, desde a Renascença, a Reforma, a descoberta e a conquista do Novo Mundo, de par-em-par com as criações de Maquiavel, Bacon, Galileu, Copérnico, Shakespeare, Cervantes, Camões, Giordano Bruno e outros, está em curso um vasto e fascinante processo de desencantamento do mundo. É como se o mundo começasse a tornar-se inteligível, no que se refere à Natureza, à Sociedade e ao Sobrenatural. Nesse percurso, colocam-se os emblemas propostos por Descartes: Penso, logo existo; por Hobbes: O homem é o lobo do homem; Rousseau: O primeiro indivíduo que cercou um terreno e afirmou “isto é meu” criou a sociedade civil, na qual emerge também misérias e horrores; Kant: Orientar-se pela própria razão, este é o lema da Ilustração; Hegel, formulando a dialética “escravo e senhor”, enquanto segredo das formas e possibilidades de consciência e entendimento; e muitos outros, antes, depois e durante.

Simultaneamente, no entanto, desenvolvem-se o compromisso, a luta e a ilusão da emancipação, da resolução dos dilemas, da superação das desigualdades que se criam e desenvolvem por dentro da sociedade civil, isto é, burguesa, capitalista.

Este é um dos segredos mais importantes, difíceis e fascinantes dos tempos modernos, da modernidade-nação e da modernidade-mundo: a filosofia, as ciências sociais e as artes estão sempre desafiadas pelo contraponto alienação e emancipação. Muitas são as criações de uns e outros, filósofos, cientistas e artistas, nas quais está presente o desafio de esclarecer e realizar o esclarecimento; explicar e resolver; descobrir a trama das relações que constituem a alienação e realizar a eman-

cipação; desvendar os nexos que constituem a realidade, tornando-a transparente.

Esse o clima histórico-social e mental em que a razão parece sempre levar consigo a fabulação, ambas imaginando o futuro e alimentando a utopia; dessa maneira contribuindo para o *reencantamento do mundo*.

SENTIDOS DA HISTÓRIA

No curso dos tempos modernos, são diversos os momentos excepcionais nos quais se colocam interrogações importantes ou cruciais sobre o futuro e a utopia, isto é, os futuros e as utopias. Vale a pena registrar, ainda que brevemente, alguns desses momentos mais notáveis; sem esquecer que a imaginação do futuro é algo inerente à modernidade, algo que se reitera contínua e periodicamente, em diferentes perspectivas, em linguagens científicas, filosóficas e artísticas. Talvez se possa afirmar que a persistência e reiteração de previsões, fantasias e fabulações sobre o futuro seja algo inerente ao processo de *secularização* da história que se desenvolve no curso dos tempos modernos.

Secularização no sentido de que a história começa a ser reconhecida como produto da atividade humana, dos trabalhos e dias de indivíduos e coletividades. Uma história, portanto, que se pode construir e transformar, reformar e revolucionar.

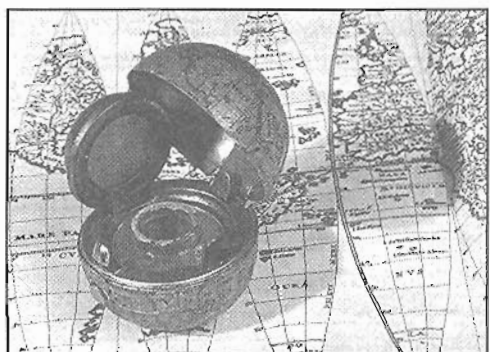
Esta é a idéia: o mundo moderno está atravessado por várias rupturas históricas de amplas proporções, envolvendo inclusive rupturas epistemológicas notáveis. O Renascimento, o Iluminismo, o Relativismo e o Globalismo podem ser tomados como momentos cruciais, abrindo outras perspectivas sobre o futuro e os futuros. Com

o desenvolvimento do contraponto presente e passado, abrem-se novos impasses, aflições e perspectivas sobre o futuro. Por meio de previsões científicas, reflexões filosóficas e fabulações artísticas, em cada época multiplicam-se explicações, inquietações e fantasias sobre o que poderá ser o futuro, próximo e distante.

O Renascimento pode ser visto como o florescimento cultural, isto é, simultaneamente artístico, científico e filosófico, com o qual se inaugura uma era de utopias. Não é por acaso que as utopias de Tomaso Campanella, Thomas More e Francis Bacon nascem nesse clima histórico-social. Em *A Cidade do Sol*, *Utopia* e *Nova Atlântica*, esses pensadores estão, simultaneamente, exorcizando o presente, repensando o passado e imaginando o futuro. Diante das audaciosas criações artísticas, científicas e filosóficas em curso na época, florescem explicações e fabulações, por meio das quais se projetam imagens, metáforas e alegorias sobre o futuro.

Mas cabe reconhecer que são também notáveis as criações nas quais o esclarecimento do presente, em termos também científicos, filosóficos e artísticos, implica instituir a idéia de história, o sentido de presente, passado e futuro. No teatro de Shakespeare, em *Os Lusíadas* de Camões, *Dom Quixote* de Cervantes, *Novum Organum* de Bacon, *O Príncipe* de Maquiavel e *Elogio da Loucura* de Erasmo, entre outros, encontram-se sugestões mais ou menos notáveis sobre o que se pode denominar de secularização da história ou desencantamento do mundo; o que envolve implícita ou explicitamente o contraponto presente-passado-futuro. Esse clima histórico-social e cultural em que se desenvolve a “querrela antigos e

modernos”, por meio da qual se buscam e rebuscam raízes antigas, desde os clássicos; ao mesmo tempo em que se afirmam e reafirmam inovações, se inaugura a modernidade.



Frich Lessing - Magnum e Mowat - Diplomatique/97

O Iluminismo inaugura outro ciclo notável de reflexões sobre a história, o contraponto presente-passado-futuro. Com ele a história se seculariza ainda mais, sem prejuízo dos espaços que se abrem para o mito, este também secularizado, isto é, formulado em linguagens filosóficas e científicas. O Iluminismo institui a primazia do racionalismo, mas também abre espaços para o romantismo.

Este pode ser um aspecto fundamental do enigma da modernidade, quando se pensam as suas inquietações sobre o futuro: no seio da modernidade desenvolve-se o Romantismo, a preocupação com o povo e o indivíduo. Em diferentes linguagens, inclusive em diferentes perspectivas, são muitos os que querem resgatar, compreender, explicar e emancipar indivíduos e coletividades; isto é, a maioria, a multidão, a massa, os humilhados e ofendidos, os esquecidos dos campos e cidades, movendo-se erraticamente na sociedade, no curso da história. São muitos os que se empenham em constituir-los como povo propriamente dito, enquanto coletividade

de cidadãos. E há os que reconhecem que o indivíduo e o povo constituem as classes sociais hierarquizadas, as categorias com as quais a sociedade civil, burguesa ou capitalista se organiza e move, em termos de força de trabalho e produção, riqueza e alienação, movimentos sociais e emancipação.

Algumas dessas preocupações do Romantismo manifestam-se mais ou menos nitidamente nas criações de Herder, Rousseau, Hegel, Goethe e Beethoven, entre muitos outros, em diferentes países. São criações contemporâneas da Revolução Industrial Inglesa e da Revolução Francesa, ressoando a descolonização de colônias do Novo Mundo e influenciando também os outros continentes. Assim clarificam-se e difundem-se novas formulações e aspirações sobre o indivíduo e o povo. Desde então, há sempre algo de Romantismo em muitas criações filosóficas, científicas e artísticas realizadas nos séculos XIX e XX, entrando pelo século XXI.

Esta é a idéia: no seio da modernidade, juntamente com o empenho em conhecer, explicar e redimir o indivíduo e o povo, está presente ou subjacente a intenção de projetar o que pode ser o futuro, a sociedade ideal, a comunidade por excelência, a utopia; em geral com o empenho de exorcizar os males do presente, sublimando o que poderia ser desejável, realizando imaginariamente o que se revela impossível no presente.

Note-se, pois, que o Romantismo fermenta várias tendências, ainda que todas enraizadas em uma visão crítica do presente, das condições sob as quais vivem o povo e o indivíduo, o homem e a mulher, a criança e o adulto, o nativo e o negro, o camponês e o

operário. Em alguns há a rejeição do industrialismo, da *fábrica satânica*, e a valorização do agrarismo, do pastoralismo. Em outros há o reconhecimento de que é possível extrapolar as potencialidades civilizatórias do industrialismo, da sociedade de classes, das lutas sociais que se fermentam na fábrica e na cidade. Em uns outros revelam-se utopias, nostalgias e escatologias.

É no âmbito do Iluminismo que se formula a “dialética do escravo e senhor”, uma das suas mais notáveis metáforas. Ou alegorias, conforme se queira desenvolvê-las.

Quando Hegel, em *Fenomenologia do Espírito*, formula e desenvolve os termos dessa dialética, abre um horizonte de excepcional fecundidade para a inteligência não só das mais diversas formas de consciência social como também das mais diversas formas de inteligência filosófica, científica e artística da história. É como se fosse uma iluminação universal, por meio da qual se aprofunda, em escala excepcional, o esclarecimento das formas de sociabilidade; do jogo das forças sociais; das acomodações, tensões e transformações das relações e instituições sociais; do contraponto escravo e senhor, mulher e homem, negro e branco, nativo e colonizador, Oriental e Ocidental. Algo que estava em germen no contraponto Caliban e Próspero, em *A Tempestade* de Shakespeare. Adquire vibração artística no contraponto Mefistófeles e Fausto desenvolvido por Goethe em *Fausto*, realizando-se filosoficamente em *Fenomenologia do*

Espírito de Hegel. Em seguida, essa dialética ganhará novos desdobramentos em *O Capital* de Marx, quando a reflexão sobre os nexos constitutivos da sociedade moderna, isto é, burguesa ou capitalista, alcança níveis de paroxismo. Uma dialética que continuará a enriquecer-se nos escritos de Gramsci, Lukács, Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamim, Sartre, Brecht e outros, cientistas, filósofos e artistas.

Esta pode ser uma hipótese perfeitamente válida: a dialética escravo e senhor é uma das conquistas mais notáveis da modernidade, por meio da qual se torna possível pensar as dependências, reciprocidades, acomodações, cumplicidade, tensões e contradições que constituíram os nexos essenciais das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais, dos processos de integração e fragmentação; isto é, dos movimentos da história dos tempos modernos, compreendendo futuros e utopias.

O Relativismo, que se inaugura com a fenomenologia de Husserl, a teoria da relatividade de Einstein e a psicanálise de Freud, entre outros filósofos, cientistas e artistas, parece instituir outros sentidos da história; na verdade parece instituir a idéia de *histórias*, no sentido de descontinuidades, reorientações, regressões, incertezas, incógnitas, irracionaisismos. É como se a razão iluminista se desse conta de que o pensamento e as diversas formas de conhecimento, ainda que possam realizar muitos esclarecimentos, jamais poderão tornar a realidade plenamente transparente. Em diferentes linguagens, filósofos, cientistas e artistas, trabalhando na transição do século XIX ao XX, lidam com a hipótese de que o mundo da cultura, a realidade histórico-social e a natureza são infinitos, erráticos, descontínuos, sujeitos a regres-

sões; rebeldes no que se refere ao conceito, à categoria, à compreensão, à explicação. Partem dos horizontes que se abrem com o Iluminismo, para sugerir, reconhecer ou afirmar que a razão, simultaneamente crítica e instrumental, sempre esbarra no *inconsciente*, *irrational*, *subterrâneo*, *abismo* ou parte submersa do *iceberg* que povoam o mundo da vida.

É claro que o Relativismo implica ceticismo, no que se refere às certezas do Iluminismo. No plano epistemológico, implica colocar interrogações pertinentes aos *sistemas*, às epistemologias abrangentes, históricas ou totalizantes do Iluminismo. Simultaneamente, no entanto, as criações filosóficas, científicas e artísticas do Relativismo implicam a metamorfose da *história* em *mundo da vida*, *existência*, *cotidiano*, *identidade*. Aprimora-se e aprofunda-se o esclarecimento das formas de sociabilidade, colocando-se em segundo plano os jogos das forças sociais, os processos de organização e transformação da realidade social.

É como se a história se dissolvesse em *histórias*, nas quais sobressaem múltiplos *presentes*. Nesse sentido é que o Relativismo implica outra modalidade de imaginar o futuro, a utopia; isto é, futuros e utopias.

O Globalismo pode implicar uma recriação do sentido de história, sem prejuízo de histórias, descontinuidades, reorientações, regressões, desenvolvimentos desiguais e combinados, não-contemporaneidades.

É inegável que o novo surto de globalização do capitalismo abala os quadros sociais e mentais de referência com os quais indivíduos e coletividades estavam habituados a pensar e agir, em todo o mundo. As relações, os processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica que se desenvolvem com a globalização tanto se impõem às relações, processos e estruturas locais, nacionais e regionais quanto podem tornar-se decisivos para a interpretação das formas de sociabilidade e dos jogos de forças nos quais se movem indivíduos e coletividades, povos e nações. Algo que já ocorria em tempos passados, com o Colonialismo e o Imperialismo, adquire novos desdobramentos com o Globalismo. Assim, a transnacionalização, a mundialização, a planetarização ou, mais propriamente, a globalização, constitui uma nova e abrangente configuração geohistórica, uma totalidade simultaneamente social, política, econômica e cultural; na qual se manifestam novos problemas ecológicos, religiosos, lingüísticos, étnicos e outros, envolvendo indivíduos e coletividades, povos e nações, culturas e civilizações.

Sim, a história do mundo moderno pode ser vista como a história da modernidade, em termos de modernidade-nação, ou primeira modernidade, e modernidade-mundo, ou segunda modernidade. Elas se mesclam, fertilizam, conflitam, recompõem e transformam em diferentes gradações e em distintos lugares. Mas são sempre importantes para a compreensão das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais, das mentalidades e dos horizontes de indivíduos e coletividades. Em larga medida, no entanto, é no âmbito

da modernidade que se revelam e desenvolvem as idéias e as práticas, as teorias e as ideologias com as quais se taquigrafa o que indivíduos e coletividades compreendem ou almejam como sentidos da história: Progresso, Evolução, Modernização, Racionalização; ou Selvagens, Bárbaros e Civilizados, Povos Históricos e Povos sem História, Sociedades Arcaicas e Modernas, Países Desenvolvidos e Subdesenvolvidos, do Primeiro Mundo e do Terceiro Mundo, do Norte e do Sul, entre outras classificações produzidas e reproduzidas no curso dos tempos modernos, com as quais se instituem determinadas concepções sobre os nexos presente-passado-futuro, ou previsão científica e alegoria, em busca do futuro e da utopia.

PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA UNIVERSAL

É no âmbito do Globalismo que se institui, em uma forma nova, evidente e surpreendente, o significado da história mundial. São tantos e tais os vínculos, as acomodações, as tensões e as fragmentações que se desenvolvem em escala mundial que já se pode falar em formação de uma sociedade civil mundial; em primórdios de um real cosmopolitismo das coisas, gentes e idéias; na constituição do Globalismo como um novo e surpreendente palco da história, em termos de modos de ser e mentalidades, formas de sociabilidade e de pensamento, jogos de forças sociais e lutas de classes, guerras e revoluções; em novas modalidades de espaço e tempo; em um novo paradigma das ciências sociais, a filosofia e as artes.

Sim, na época do Globalismo se abrem novas perspectivas histórico-sociais, compreendendo suas implicações políticas, econômicas, culturais, ecológicas, demográficas, religiosas, étnicas, lingüísticas e outras. Sem prejuízo das muitas histórias nacionais, locais e regionais, bem como do contraponto biografia e história, abre-se a possibilidade de se pensar e agir em termos de história universal. “Os historiadores não precisam mais inventar a ordem mundial para estudar a história mundial. O mundo existe como fato material e prática cotidiana na organização global da produção e destruição. É este fato, a integração global em curso no fim do século XX, que torna a presente crise da história mundial tão séria”¹. Trata-se de uma crise ou ruptura histórica e epistemológica, que abala mais ou menos profundamente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo. Daí a formação de novas perspectivas para a inteligência da história universal. “A história universal nem sempre existiu; a história, como história universal, é um resultado”².

Esse o cenário em que se abrem outras e novas perspectivas sobre o futuro. Desde as relações, os processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica do Globalismo, logo se descortinam outros horizontes, problemáticos e fascinantes, sobre os desenvolvimentos da sociedade global, com implicações mais ou menos profundas nas sociedades nacionais, nas condições de vida de indivíduos e coletividades, em todo o mundo.

Esse o clima em que estão florescendo as utopias da sociedade global, dentre as quais cabe mencionar algumas: *Mundo sem fronteiras*, *Nova ordem econômica mundial*, *Sociedade informática*, *Aldeia global*, *Mundo sistemático*, *Terra-pátria*, *Fim da História*, *Lumem 2000*, entre outras. Podem ser vistas como utopias, metáforas, alegorias ou mesmo conceitos, explicações, taquigrafias. Em todos os casos, parte-se do presente e projeta-se o futuro. São diversos e complicados os futuros imagináveis, sobre os quais vale a pena refletir, ainda que de modo breve.

O Globalismo pode ser tomado como um novo ciclo da história, visto como um ciclo de desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório.

Algo que já se iniciara com o Mercantilismo, desenvolvendo-se com o Colonialismo e o Imperialismo, adquire novo ímpeto com o que tem sido denominado transnacionalização, mundialização, planetarização, mundo sem fronteiras e outras formulações. Trata-se da intensificação e generalização dos processos por meio dos quais o capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão social do trabalho, o planejamento e o mercado, entre outras forças produtivas adquirem maior dinamismo, abrem e reabrem fronteiras.

1. BRIGHT, Charles e GEYER, Michael. *For a Unified History of the World in the Twentieth Century*. **Radical History Review**. New York: n. 39, 1987. p. 69.

2. MARX, Karl. **Elementos Fundamentais para la Crítica de la Economía Política** (Borrador) 1857-1858. Trad. de José Arico, Miguel Murmis e Pedro Scaron. México: Siglo XXI Editores, 3 volumes, 1971-1976, v. 1. p.31.

Esse o contexto em que tanto se desenvolve a integração como a fragmentação, o que se revela no âmbito das relações entre nações como no interior de muitas nações. Redefinem-se os localismos, nacionalismo e regionalismo. Acelera-se a ocidentalização do mundo e desenvolve-se também a orientalização do mundo, processos esses que se mesclam e atritam inclusive com a africanização e a indigenização. Aos poucos se forma uma Sociedade Civil Mundial, uma espécie de Babel surpreendente, em termos de línguas, religiões e etnias, além das classes sociais. Aí manifestam-se movimentos políticos antigos e novos, dentre os quais estão o neoliberalismo, o nazifascismo e o neo-socialismo. Assim se abrem dilemas, impasses e perspectivas surpreendentes, no que se refere ao futuro, à utopia.

Primeiro, já está em curso o declínio do Estado-Nação. A despeito da ampla gama de sociedades nacionais mais ou menos constituídas e articuladas, é inegável que o Estado-Nação está sendo redefinido e realocado, no âmbito de um novo mapa do mundo. Os territórios e as fronteiras, as histórias e tradições nacionais, as soberanias e hegemonias, as culturas e civilizações, são muitas as realidades que estão sendo lançadas em uma configuração geo-histórica mundial, simultaneamente sociocultural e político-econômica, que adquire crescente preeminência sobre tudo o que é local, nacional e regional. Se é verdade que os Estados nacionais continuam a ser atores importantes, é também inegável que as corporações transnacionais se transformaram em atores ainda mais importantes. As corporações revelam-se não só versáteis como ubíquas.

Segundo, portanto, a sociedade global já está altamente influenciada, organizada e administrada por umas poucas e poderosas estruturas mundiais de poder, dentre as quais sobressaem as corporações transnacionais, em geral funcionando em conjugação com as organizações multilaterais, com destaque para o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BIRD) e a Organização Mundial do Comércio (OMC); uma espécie de *santíssima trindade* do capital em geral. Assim se garantem as condições para a reprodução ampliada do capital, em escala mundial, propiciando a crescente concentração da riqueza e a crescente expansão da pobreza.

Terceiro, pois, desenvolvem-se as classes sociais em escala mundial. O desenvolvimento intensivo e extensivo das forças produtivas, em escala mundial, globaliza as classes sociais e os grupos sociais, estes formados por etnias, nacionalidades, gêneros, religiões, movimentos ecológicos, organizações não-governamentais e outros.

Quarto, no âmbito do Globalismo formam-se geoeconomias e geopolíticas de diversos tipos e envergaduras. São formações de alcance regional e mundial, com as quais se fermentam processos de integração e de fragmentação. A União Européia adquire os primeiros contornos de um poderoso bloco de poder, destinado a disputar hegemonia com o bloco polarizado nos Estados Unidos da América do Norte. Em outra escala, o Japão polariza um bloco econômico também com potencial geopolítico. À medida que realiza a transição para a economia de mercado, a Rússia tende a polarizar as nações da Comunidade de Estados Independentes, oriundos da ex-União Soviética. Além disso, cabe observar o que ocorre na China, a qual tende a tornar-se uma peça importante nas geoeconomias e geopolíticas que envolvem

a Ásia; isto é, os blocos polarizados em torno do Japão, da Rússia e dos Estados Unidos. Essas são conjecturas que, no limite, envolvem as idéias de guerra e paz.

Quinto, por fim, o Globalismo tanto se alimenta do Capitalismo como fomenta o Socialismo. É verdade que o Capitalismo é um poderoso modo de produção e processo civilizatório, influenciando decisivamente a história dos tempos modernos. Mas também é verdade que esse mesmo Capitalismo cria e desenvolve desigualdades, tensões e contradições socioculturais e político-econômicas que fermentam o Socialismo. Esta é a hipótese: o Globalismo pode ser o palco privilegiado da história, no qual o Socialismo começa a formar-se como modo de produção e processo civilizatório, constituindo-se assim as condições e as possibilidades de outro ciclo da história universal.

REENCANTAMENTO DO MUNDO

É possível dizer que no futuro se esconde a utopia. Pode ser uma projeção do presente, aprimorado ou purificado; mas também pode ser uma projeção do passado, idealizado. Há sempre algo de utopia ou nostalgia, quando se pensa o futuro, enquanto mundo possível, almejado. Em alguns casos, a imaginação do futuro envolve não somente a nostalgia como também a escatologia. Há futuros catastróficos, de par-em-par com futuros paradisíacos. Em todos os casos, o futuro guarda algo de histórico ou suprahistórico. Mesmo quando enraizado na previsão científica, o futuro que se desenha adquire algo de suspenso no espaço e no tempo, como fantasia ou alegoria. É por meio de fantasia e de alegoria que se torna possível alcançar o reencantamento do mundo.

Resumo: O autor faz uma reflexão sobre a Modernidade e a Modernidade-mundo, discutindo como suas criações filosóficas, científicas e artísticas caminham entre a razão e a fabulação, entre o desencantamento e o reencantamento do mundo à medida que o contexto histórico-social é marcado pela esperança no futuro e a crença na utopia. Explica essa sua reflexão tomando como exemplo as principais idéias que circularam e circulam em cada momento histórico: do Renascimento, do Iluminismo, do Romantismo, do Relativismo e do Globalismo. Conclui deixando para reflexão a hipótese de que o Globalismo pode ser o momento na história em que o Socialismo começa a formar-se enquanto modo de produção.

Palavras-chave: futuro, utopia, Modernidade, História, Capitalismo, Socialismo, Globalismo

(Modernity's futures and utopias)

Abstract: The author reflects on Modernity and on Modernity-world, discussing how philosophical, scientific and artistic creations walk between reason and fabrication, between disenchantment and reencountering the world while the historical and social context is marked by hope in the future and by belief in utopia. This reflection is explained as an example of the main ideas that circulated and circulate in each historical moment: Renaissance, Illuminism, Romanticism, Relativism and Globalism. The conclusion makes one reflect on the hypothesis that Globalism may be the moment in history in which Socialism is formed as a mode of production.

Key words: future, utopia, Modernity, History, Capitalism, Socialism, Globalism